

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC**

**CENTRO DE ARTES – CEART**

**BACHARELADO EM ARTES PLÁSTICAS**

**MARINA MARTINS AMARAL**

**DOMINGOS FOSSARI: MEMÓRIA E IDENTIDADE**

**FLORIANÓPOLIS, SC**

**2011**

**MARINA MARTINS AMARAL**

**DOMINGOS FOSSARI: MEMÓRIA E IDENTIDADE**

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado ao Departamento de Artes  
Visuais da Universidade do Estado de  
Santa Catarina como requisito para  
obtenção do título de Bacharel em  
Artes Plásticas.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Jacqueline Wildi  
Lins.

Co-orientadora: Marlene Torrinelli

**FLORIANÓPLOIS, SC**

**2011**

MARINA MARTINS AMARAL

**DOMINGOS FOSSARI: MEMÓRIA E IDENTIDADE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina como requisito para obtenção do título de Bacharel em Artes Plásticas.

Florianópolis, 02 de Julho de 2011.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>a</sup> Jacqueline Wildi Lins (UDESC-SC)

Orientadora

---

Marlene Torrinelli (UDESC-SC)

Co – Orientadora

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Anita Prado Koneski (UDESC-SC)

(Membro)

---

Prof.<sup>o</sup>. Mestre Diego Rayck (UDESC-SC)

(Membro)

## AGRECIAMENTOS

À professora Jacqueline Wildi Lins pela orientação, paciência e por ter prontamente aceitado fazer parte deste trabalho.

À Marlene Torrinelli pela gentileza, parceria e por ter me impulsionado para esta pesquisa.

Aos membros da Banca Examinadora, por terem aceitado o convite para participar desta banca.

À minha família Cristina, Frankie, Débora, Tereza, Maurílio, Márcia, Gilberto, Gabriel e André, pela educação, pela formação moral e amor incondicional.

À minha família por escolha Jú, Ciça, Lí, Fê, Nanda e Lô, pelos anos de companheirismo e por sempre acreditarem em mim.

À Pituxa, minha pequena companheira canina, por montar guarda ao lado do computador até que a última linha fosse escrita.

Finalmente a todos aqueles, que de uma forma ou de outra se tornaram importantes nesta jornada.

O que é o cérebro humano senão  
um palimpsesto imenso e natural?  
Meu cérebro é um palimpsesto e o  
seu também, leitor. Inúmeras  
camadas de ideias, de imagens, de  
sentimentos caem sucessivamente  
sobre seu cérebro, tão docemente  
como a luz. Pareceu que cada uma  
sepultava a precedente. Mas  
nenhuma, na realidade, pereceu.

Charles Baudelaire

## RESUMO

AMARAL, Marina Martins. **Domingos Fossari: Memória e Identidade**. 2011. 48 páginas. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Artes Plásticas) – Departamento de Artes Visuais, Centro de Artes, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

Este trabalho de conclusão de curso abordará a questão da memória e identidade na obra de Domingos Fossari. De forma geral o trabalho contará a trajetória do artista gaúcho radicado em Florianópolis e usará as 38 telas de Domingos Fossari que atualmente se encontram no Museu Escola da Universidade do Estado de Santa Catarina para fazer uma relação entre cidade, lembrança e esquecimento, passado e presente. Desta forma mostrando a importância do trabalho de Fossari para a preservação da memória e dos costumes de Florianópolis.

**Palavras-Chave:** Domingos Fossari. Trajetória. Memória. Florianópolis.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|                                                                                                                |    |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| <b>Figura 1</b> - Fossari. Estudo de Desenho de Observação.....                                                | 14 |
| <b>Figura 2</b> - Fossari. Charge para o jornal O Estado- 13 de Dezembro de 1981.....                          | 15 |
| <b>Figura 3</b> - Fossari. Bromélia, aquarela sobre papel.....                                                 | 16 |
| <b>Figura 4</b> - Fossari. Auto-retrato para o jornal A Gazeta, 1979.....                                      | 17 |
| <b>Figura 5</b> - Fossari. Aquarela e bico de pena sobre papel. Caricatura de Mário Ferreira...                | 18 |
| <b>Figura 6</b> - Fossari. Rua General Bittencout, Florianópolis.....                                          | 21 |
| <b>Figura 7</b> - Fossari. Rua João Pinto, Florianópolis.....                                                  | 22 |
| <b>Figura 8</b> - Museu Escola UDESC, 2011.....                                                                | 25 |
| <b>Figura 9</b> - Museu Escola UDESC, 2011.....                                                                | 25 |
| <b>Figura 10</b> - Fossari. Rua do Vigário. Atual Fernando Machado, no Campo do Manejo.<br>(Desaparecido)..... | 27 |
| <b>Figura 11</b> -Fossari. Os Sobradinhos da esquina da Praça com Fernando Machado.....                        | 27 |
| <b>Figura 12</b> - Fossari. A velha Igreja de Nossa Senhora da Lapa do Ribeirão da Ilha.....                   | 28 |
| <b>Figura 13</b> - Fossari. Casa da sotéia. Rua Saldanha Marinho. Já demolida.....                             | 28 |
| <b>Figura 14</b> - Fossari. Casas paredes-meias da Rua Esteves Junior.....                                     | 28 |
| <b>Figura 15</b> - Fossari. O Castelinho da Praça São Sebastião.....                                           | 28 |
| <b>Figura 16</b> - Fossari. A casa em que nasceu Esteves Junior, na rua do seu nome.....                       | 28 |
| <b>Figura 17</b> - Fossari. Casa do antigo Largo General Osório (Campo do Manejo).....                         | 28 |
| <b>Figura 18</b> - Fossari. Rua do Senado, mais tarde Rua da República. Hoje Felipe Schmidt<br>.....           | 30 |
| <b>Figura 19</b> - Rua Felipe Schmidt, 1930.....                                                               | 30 |

|                                                                                                                                                                                   |    |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| <b>Figura 20</b> - Rua Felipe Schmidt, 2003.....                                                                                                                                  | 30 |
| <b>Figura 21</b> - Fossari. Charutaria do Espanha (José Garrido Portela).....                                                                                                     | 31 |
| <b>Figura 22</b> - Fossari. companhia de Carris Urbanos, no primeiro quartel do séc. XX.....                                                                                      | 32 |
| <b>Figura 23</b> - Fossari. O velho Teatro Álvaro de Carvalho, nos fins do século XIX.....                                                                                        | 33 |
| <b>Figura 24</b> - Fossari. Café Natal, na Praça 15 de novembro, na primeira metade do século XX.....                                                                             | 33 |
| <b>Figura 25</b> - Fossari. Título ou descrição não encontrado.....                                                                                                               | 35 |
| <b>Figura 26</b> - Fossari. Casas térreas do Ribeirão da Ilha.....                                                                                                                | 35 |
| <b>Figura 27</b> - Fossari. Casarão no Estreito.....                                                                                                                              | 35 |
| <b>Figura 28</b> - Fossari. Ponte do Vinagre (Fim da Rua Tiradentes). Já demolida.....                                                                                            | 35 |
| <b>Figura 29</b> - Fossari. Derradeiro grupo de casas do antigo Beco Sujo, depois chamado “irmão Joaquim”, de frente para o Campo do Manejo, Praça General Osório.(Demolido)..... | 35 |
| <b>Figura30</b> - Fossari. Sobradinho da Rua Conselheiro Mafra.....                                                                                                               | 36 |
| <b>Figura 31-</b> Fossari. Rua do Comércio (Atual Conselheiro Mafra) antes da construção do Mercado. Séc. XIX.....                                                                | 36 |
| <b>Figura 32</b> - Fossari. Sobradinho da Rua Jerônimo Coelho (antiga da Paz) com Conselheiro Mafra.....                                                                          | 36 |
| <b>Figura 33</b> - Fossari. Casa assombrada Rua Tenente Silveira.....                                                                                                             | 36 |
| <b>Figura 34-</b> Fossari. Sobradinho com sacada de ferro lavrado Rua do Príncipe, atual (atual Conselheiro Mafra).....                                                           | 36 |
| <b>Figura 35</b> - Fossari. Sobradinho do Cais da Liberdade.....                                                                                                                  | 36 |
| <b>Figura 36</b> - Fossari. Telhados Coloniais.....                                                                                                                               | 37 |
| <b>Figura 37</b> - Fossari. Acendedor de Lampião.....                                                                                                                             | 37 |
| <b>Figura 38</b> - Fossari. Rua da Tronqueira (atual General Bittencout) e Morro do Antão.....                                                                                    | 37 |
| <b>Figura 39</b> - Fossari. Caminho do Itacorubi.....                                                                                                                             | 37 |
| <b>Figura 40</b> - Fossari. Sobradinhos da Figueira (atual Rua Francisco Tolentino).....                                                                                          | 37 |

|                                                                                                                 |    |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| <b>Figura 41</b> - Fossari. Rua Anita Garibaldi (antiga do “Desterro”), esquina com<br>General Bittencourt..... | 37 |
| <b>Figura 42</b> - Fossari. Prefeitura Municipal de Florianópolis.....                                          | 38 |
| <b>Figura 43</b> - Fossari. Casarão de sobrado do capitalista Antônio Joaquim Wanzeller....                     | 38 |
| <b>Figura 44</b> - Fossari. Igreja de Nossa. Senhora do Rosário e São Benedito Construída<br>no século XIX..... | 38 |
| <b>Figura 45</b> - Fossari. Título ou descrição não encontrado.....                                             | 38 |
| <b>Figura 46</b> - Fossari. Chalé da Rua Frei Caneca.....                                                       | 38 |
| <b>Figura 47</b> - Fossari. Chalé da Rua Bocaiúva.....                                                          | 38 |

## SUMÁRIO

|                                        |           |
|----------------------------------------|-----------|
| <b>1. INTRODUÇÃO.....</b>              | <b>11</b> |
| <b>2. TRAJETÓRIA DO ARTISTA.....</b>   | <b>13</b> |
| <b>3. A OBRA ESQUECIDA.....</b>        | <b>24</b> |
| <b>4. A OBRA VIVA.....</b>             | <b>39</b> |
| <b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>    | <b>44</b> |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b> | <b>46</b> |

## 1. INTRODUÇÃO

A ideia para desenvolver este trabalho surgiu em 2008, quando soube que 38 telas do artista Domingos Fossari estavam guardadas no Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina – CEART/UDESC. Lembro-me de ficar intrigada com a descoberta, afinal estudava desde 2005 no CEART e nunca virá tais telas expostas, e sabia que o Centro de Artes não possuía um espaço adequado para o armazenamento e conservação das obras.

Este ano ao iniciar a pesquisa descobri que as obras em questão foram transportadas para o Museu Escola da Universidade do Estado de Santa Catarina, onde permanecem atualmente sem cuidados especiais e nas mesmas condições em que se encontravam no Centro de Artes.

Não se sabe ao certo de que forma estas telas chegaram ao CEART, há rumores de que foram doadas, outros de que foram solicitadas, mas de qualquer forma, seja no CEART ou no Museu Escola-UDESC, foram tristemente guardadas e esquecidas.

Esta pesquisa tem como objetivo reconhecer a importância da memória na obra de Domingos Fossari para a construção histórica e social da cidade de Florianópolis. O artista que sempre se declarou um apaixonado pela ilha eternizou em seus desenhos a Florianópolis dos carros de boi, dos casarios, do acendedor de lampião, do Miramar.

No segundo capítulo deste trabalho chamado “A Trajetória do Artista”, abordarei a vida e obra de Domingos Fossari. Não usarei um método linear e sistemático, mas desenvolverei sobre o assunto de maneira geral, situando o leitor em um tempo e espaço.

Já o terceiro capítulo nomeado “A Obra Esquecida”, tratarei sobre as telas que estão no Museu Escola-UDESC. Farei uma análise geral sobre os temas abordados nas obras, e mostrarei a importância destas representações para a cultura local. Neste capítulo compreenderemos a influência da cidade de Florianópolis na obra do artista.

Finalmente o quarto capítulo chamado “A Obra Viva”, abordarei o tema da memória no trabalho de Fossari. Usarei das teorias de Walter Benjamin, Georges Didi-Huberman e Pierre Nora para demonstrar a importância das obras de Fossari para a memória de Florianópolis.

As telas de Fossari que estão no Museu Escola da UDESC são ilustrações em bico-de-pena da ilha, registros da antiga arquitetura e costumes locais. Fossari foi um guardião de memórias para esta cidade que ele escolheu como lar, suas obras evocam a tradição e os costumes do povo ilhéu, assim representando e fazendo parte da identidade cultural de Florianópolis.

## 2. A trajetória do artista

No presente capítulo não pretendo abarcar a vida de Domingos Fossari como um todo e de maneira linear e sistemática, mas sim fazer um apanhado geral de sua trajetória, desta forma contextualizando e situando o artista em um tempo e espaço, pois

“as fontes de um biógrafo são idênticas às de um historiador ou de um jornalista investigativo que trabalha para periódicos ou em seu próprio livro reportagem: documentos (oficiais e não oficiais), correspondências, fotos, diários, *clippings*, livros de memórias e autobiografias, assim como, eventualmente, entrevistas de compreensão e reconstrução. [...] Durante o processo de pesquisa biográfica é necessário e nem sempre evitável entrevistar. Significa, em outras palavras, ter de lidar com lembrança/recordação (por via oral ou escrita) de amigos, familiares e conhecidos que conviveram direta ou indiretamente com o biografado. [...] O autor que extrai tudo de tudo – dezenas de cadernos de anotações, por exemplo – pode estar-se escondendo no fato de não ser capaz de assumir a sua responsabilidade pela seleção criteriosa. [...] Os biógrafos operam o que os novos historiadores chamam de mundo das experiências comuns, que incluem novas formas narrativas, como micronarrativas... [...] A biografia, portanto, não pode conter a totalidade dos acontecimentos testemunhados, em dado momento ou em determinado lugar, mas somente alguns aspectos escolhidos. [...] Os biógrafos têm de manter um diálogo interminável entre presente e passado. Uma biografia não pode ser escrita a menos que o biógrafo estabeleça algum tipo de contato com a mente do biografado e a sua. Trata-se de uma relação de reciprocidade”. Vilas Boas (2002, p. 53-71)

Domingos de Aranda Fossari nasceu no dia 25 de novembro de 1914 na pequena cidade de Itaqui, no Rio Grande do Sul. Seus pais, José Fossari e Domitila de Aranda Fossari, eram comerciantes donos de um comércio de exportação de frutas. Mesmo destinado a herdar os negócios da família, o jovem Fossari decidiu não seguir no ramo familiar, e sim, dedicar-se à formação artística.

Fossari demonstrava interesse e aptidão pelo desenho desde criança, o que por algumas vezes causou-lhe problemas. Na época em que estuda no Ginásio Santana de Uruguaiana (RS) foi inúmeras vezes repreendido pela direção da escola por usar o tempo de aula para fazer caricaturas de colegas e professores. Esta até poderia ser uma situação comum para um jovem na fase escolar, se não houvesse ali, uma curiosa habilidade muito superior a uma criança de apenas oito anos.

Na década de 30, Itaqui, não oferecia condições necessárias para que Fossari desenvolvesse seu potencial artístico. Então, por conselho de um engenheiro e desenhista conhecido, Fossari decidiu fazer um curso de desenho por correspondência, na Escola de Zier, de orientação alemã, que se localizava em Buenos Aires. Nesta época o cenário artístico argentino era bem conhecido por Fossari, já que acompanhava através dos jornais estrangeiros que chegavam a Itaqui as charges dos desenhistas “Hermanos” Valdívía, Eduardo Alves e Batle.

Em 1937 o fascínio pela técnica leva-o em busca de aperfeiçoamento em Buenos Aires. Durante dois anos Fossari foi aluno do renomado mestre da Escola de Belas Artes de Buenos Aires, Professor Lorsio, onde se dedicou intensamente ao desenho clássico. O contato com as obras de artistas através de revistas especializadas argentinas foram de singular importância no desenvolvimento de sua técnica pessoal, assim como o trabalho dos brasileiros J. Carlos, Calixto e Raul Perdeneyras.

**Figura 1** – Fossari. Estudo de Desenho de Observação



Em 1939 Fossari regressa a cidade natal, mas acaba instalando-se em Porto Alegre onde começa a trabalhar como desenhista de publicidade. Na capital inicia seus estudos com o suíço Vicente Perlasca, especializando-se na difícil técnica do bico-de-pena.

Fossari torna-se funcionário do estado do Rio Grande do Sul em 1942, na função de desenhista da Secretaria da Agricultura, mas não permanece muito tempo neste cargo, já que no ano seguinte começa atuar no Serviço Nacional da Malária-SNM. Neste mesmo ano é requisitado para organizar a seção de desenhos do SNM na cidade de Florianópolis, onde serve até 1976, ao aposentar-se.

Foi aluno, em Florianópolis, do grande retratista Estanislau Traple no período de 1943 a 1944, dedicando-se ao estudo da figura humana. Fossari tornou-se um excelente desenhista e cartunista. Apesar de trabalhar com tinta a óleo, seu domínio era o bico-de-pena e a aquarela. Na capital catarinense colaborou com grande parte dos jornais locais, por exemplo, “O Estado” e “A Gazeta”<sup>1</sup>.



**Figura 2** - Fossari. Charge para o jornal O Estado- 13 de Dezembro de 1981.

<sup>1</sup> Em 1950 a convite do jornalista Jairo Callado começa a trabalhar como caricaturista no jornal A Gazeta. “Zé Catarina” foi seu personagem de maior sucesso.

Um de seus maiores feitos, segundo Lia Leal na introdução do livro *Florianópolis de Ontem*, foram as 120 telas em aquarela e bico-de-pena para a obra científica em botânica de Santa Catarina, *Flora Ilustrada Catarinense – Bromeliáceas e malária Bromélia Endêmica*<sup>2</sup> de autoria do pesquisador Cônego Raulino Reitz.



**Figura 3** - Fossari. Bromélia, aquarela sobre papel.

Segundo Lago<sup>3</sup> (1987), essas telas são,

Antes de tudo, pinturas, quadros meticulosamente elaborados por um mestre das artes plásticas. Fossari logrou dar às muitas variedades de bromélias tal vigor estético, uma tamanha força existencial que somente poderá ser oriunda de sensibilidades no mais elevado plano das possibilidades humanas: o nível da genialidade.

---

<sup>2</sup> “the Bromeliad Society Bulletin” de Los Angeles (EUA) publicou inúmeras destas ilustrações. Os originais estão no Herbário “Barboza Rodrigues” em Itajaí.

<sup>3</sup> LAGO, Paulo Fernando. Jornal “O Estado”, 27/05/1987.

Em paralelo a sua formação artística, Fossari foi professor de desenho clássico no Colégio Coração de Jesus durante dez anos (1957-1967). Mais tarde, em 1986, lecionou pintura e desenho no Centro Integrado de Cultura-CIC de Florianópolis, e ministrava aulas particulares em seu atelier.

Em 1958 Fossari realiza a primeira exposição de caricaturas em Santa Catarina no Teatro Álvaro de Carvalho em Florianópolis apresentando algumas telas a óleo e aquarela além do bico-de-pena.

Mesmo já sendo um excelente desenhista Fossari jamais deixou de aprimorar-se, ainda no ano de 1958 teve aulas com Theodoro de Bona, na cidade do Rio de Janeiro. Em 1960 expõe suas obras pela segunda vez, nesta ocasião a exposição ocorre na cidade de Brusque, no Pavilhão Centenário. Seis anos depois Fossari é premiado com a Medalha de Prata do Salão Catarinense de Belas Artes de Florianópolis.



**Figura 4** – Fossari. Auto-retrato para o jornal A Gazeta, 1979.

No ano de 1973, aos 58 anos de idade, Domingos de Aranda Fossari publica seu primeiro livro *Assim os vejo...Homens do meu tempo*. O livro foi publicado com o apoio de familiares, amigos e da Universidade do Estado de Santa Catarina-UDESC. As 107 meticulosas caricaturas, das mais variadas personalidades de Santa Catarina, contidas no livro de Fossari começaram a ser produzidas a partir de 1970. O artigo *Domingos Fossari na memória - a trajetória de um artista* de Luciane Ruchel N. Garcez e Sandra Makowiecky, diz que:

Segundo o artista, uma caricatura é a forma que mais se aproxima da memória inconsciente guardada de alguém, uma espécie de fotografia subjetiva. Despindo o personagem de quaisquer ligações políticas, Fossari construiu as imagens desprovidas de sátira, sem objetivo humorístico, motivado pela vontade de fazer arte, pura e simples, em outras palavras, satisfazendo o desejo de criar.

Para a realização deste projeto Fossari não poupou esforços em pesquisa. Sua intenção era retratar a personalidade pura e simples de cada modelo, sem usar de indicações óbvias, o que acontece comumente em charges e caricaturas. Uma intensa fase de pesquisa foi indispensável para o trabalho, já que muitos dos modelos não tinham a possibilidade de ir até o ateliê do artista. Fossari reuniu varias fotografias dos modelos, estudou seus hábitos e traços. Antes de iniciar a caricatura final, o artista fez uma média de 12 esboços de cada modelo.



**Figura 5** – Fossari. Aquarela e bico de pena sobre papel.

Caricatura de Mário Ferreira.

Domingos admitia que tinha um encanto especial pela caricatura, e como todo caricaturista, gostava de fisionomias com traços fortes. Quem o conhecia afirma que era comum Fossari fazer convites a estranhos na rua para que posassem para ele. O convite podia ser por vários motivos, ora por gostar de um nariz, ora por um trejeito, de qualquer forma, todos irresistíveis a seu olhar. Fossari era conhecido por sua calma e suavidade, motivo pelo qual nenhum de seus convites foi recusado, por mais inusitado que fosse.

Mas não pensem os leitores que o Domingos Fossari tenha porte e agilidade do cavalariano das coxilhas e seja capaz de montar um bagual em pêlo e partir p'ra 'peleia' de laço e lança; ou que seja capaz de quebrar a chimarrita e partir de facão em punho na defesa da 'chinoca' faceira. Não. Por contrário. É um tipo calmo, olhar profundo por detrás das lentes, fala macia como a brisa da coxilha, altivo e solitário como o imbú. Tudo nela respira a calma, amor, paz. É um artista. (A. SEIXAS NETTO, 1972)

Podemos defini-lo como um verdadeiro perfeccionista na sua área, de percepção apurada, sensível aos detalhes, mestre na arte do olhar. Sua dedicação era notória, desenhava diariamente. Todo o dia antes de trabalhar e antes de dormir praticava como um fiel que não ousa perder a sagrada missa de Domingo. Até mesmo datas comemorativas eram oportunidades para que colocasse seu talento em prática, desenhando e pintando os cartões comemorativos.

Como um verdadeiro adorador da ilha, se satisfazia em retratar os lugares e o povo “manezinho”. Acredito que esta adoração pelas paisagens cotidianas de Florianópolis fosse, na verdade, uma busca mitológica por seres que por anos fizeram parte de seus sonhos infantis. O cenário ilhéu era familiar desde criança para Fossari, A. Seixas Netto conta nos que Fossari “(...) nasceu nos pampas gaúchos e se tornou ilhéu ‘barriga verde’ por adoção e por enlevo histórico-emocional.” E afirma que:

[...] Ele mesmo conta que, quando garoto, na idade dos sonhos d'heróis e gênios e fadas, ficava por inteiras horas a escutar narrativas da fronteira; e por muitas vezes seus

sonhos eram a narrativa guasca das campanhas platinas quando os ‘demônios verdes, que vieram lá da ilha do desterro, saltavam das macegas em chamas para o ‘entrevero’ com a indiada de Andresito Artigas enquanto os centauros gaúchos, de Chiripás ao vento e lanças rebrilhantes, devolviam de roldão sobre a fronteira a bugrada guarani que vinha talar os pampas e coxilhas do Rio Grande do Sul.

Através de seu trabalho contribuiu para a conservação da memória da cidade de Florianópolis, rendendo-lhe uma indicação, do vereador na época Edson Andrino de Oliveira, para ser homenageado como Cidadão Honorário da ilha, o protetor de bondes e rendeiras, de casarios e costumes, tão verdadeiros quanto ao mesmo tempo mágico.

Em 1976 volta a expor, no Salão da Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina. Já no ano seguinte, Fossari expõe em Brasília ao lado do amigo General Oswaldo Ferraro de Carvalho. Faziam parte do seu círculo de amigos os artistas Martinho de Haro, Eduardo Dias e Gilberto Gerlach. Mesmo sendo próximo a vários artistas Fossari jamais participou de grupos de produção artística em particular, sempre optou pela produção solitária, ou melhor, livre. Fossari não cedeu às investidas contemporâneas, manteve-se fiel a técnica que amava e ao que o motivava a produzir. Não aderiu a um estilo, mas desenvolveu o seu, através de muita paciência e minúcia.

Sempre se mostrou disciplinado e determinado a registrar de maneira mais real possível a realidade. Prezava tanto a técnica, que nunca deixou de estudar e praticar. Seus traços ao mesmo tempo eram leves e marcantes, de uma precisão incrível, sua riqueza nos detalhes permitia algumas vezes a identificação de espécies de plantas nas paisagens de seus desenhos.

Na ilha retratou pescadores, rendeiras, casarios antigos. Fossari sempre se preocupou com a cidade e com a preservação da identidade local. O artista preocupava-se com o acelerado crescimento da ilha e com a onda de demolições que se instalava em Florianópolis. Fossari eternizou paisagens através do desenho, como um caçador de memórias, quando sabia que alguma construção antiga iria ser demolida apresava-se ao local para eternizá-lo com seu bico-de-pena.

Que interesse pode ter, no entanto, a descrição de uma cidade? Nos dá a impressão de contemplarmos um cadáver. Tentemos, pois, anima-los com um toque de vida, com um sopro humano. Imaginemos um ser qualquer, um homem comum, que a amar a observa e, carinhosamente, anota as impressões que sentiu. Este homem terá reminiscências, falará das coisas que mais perto estiverem de seus conhecimentos, do seu caráter e do seu temperamento. As paisagens e os fatos tomarão cores talvez diversas das reais. Mas isso terá alguma importância? A cidade renascerá, eis o principal. Não a cidade como ela se possa apresentar aos olhos de quem quer que seja. Apenas a cidade construída e sentida por esse homem comum. (SOUZA, 1960, p.12)

Em 1978 Fossari, com o apoio da Universidade do Estado de Santa Catarina- UDESC, publica uma coletânea de desenhos a bico-de-pena sobre a cidade, chamada *Florianópolis de Ontem*. A publicação desses desenhos era um sonho antigo, afinal era um projeto caro e Fossari era pai de família e trabalhava como funcionário público. O livro com 121 paisagens a bico-de-pena teve três edições esgotadas, e ainda hoje serve como referência para muitos profissionais na área de história, arquitetura e artes.



**Figura 6** – Fossari. Rua General Bittencout, Florianópolis.

A maioria dos desenhos apresentados no livro foram feitos in loco, porém como muitos dos locais retratados não existiam mais, ou existiam parcialmente, o artista

recorreu a fotos antigas, cedidas pelo amigo e professor Oswaldo Rodrigues Cabral. “(...) O uso das fotografias foi necessário porque muitas das casas que representavam a cultura açoriana não estavam mais de pé.” (NONNEMACHER, p156) A fim de eternizar a Florianópolis do final do século XIX e meados do XX além da arquitetura antiga da ilha, Fossari registra o cotidiano ilhéu já inexistente, como o acendedor de lampião, ou o bondinho puxado por burros. Fossari contribui para vivacidade da história de Florianópolis, seu trabalho recusa-se ao esquecimento e mantém-se presente na memória da cidade. O artista da forma ao o que hoje poderiam ser apenas contos, ou pior, lembranças narradas.

Prestou uma grande contribuição à memória cultural da cidade, uma vez que, através de seu talento habilmente registrou as várias fachadas da capital. São gravuras sobre as mais tradicionais edificações públicas e residenciais. (MAKOWIECKY, 2003, P. 272)



**Figura 7-** Fossari. Rua João Pinto, Florianópolis.

Fossari sempre recebeu incentivo incondicional da família para que seguisse com sua arte. A esposa Irene e os oito filhos, Tereza, Iara, Dulce, Carmem, Rosa, Domingos, Ivana e José, eram seu ponto de equilíbrio e declaradamente sua fonte de inspiração. Fossari nunca deixou de produzir, dedicou sua vida a praticar e a fazer o que realmente amava, junto das pessoas a que amava. Faleceu em 1987, aos 72 anos na cidade em declarou-se inúmeras vezes, Apaixonado. Florianópolis.

A família (descendentes) pretende um dia criar um espaço dedicado ao artista e disponibilizar o acesso as mais de três mil obras deixadas, dentre elas bicos-de-pena, aquarelas e telas a óleo. Os desenhos de Fossari despertam o saudosismo de uma realidade não conhecida, de um momento não experimentado, porém estranhamente desejado por quem os observa.

### 3. A Obra Esquecida

Ruas, fortes, casas um engenho de farinha, o velho mercado, as rendeiras, os carrinhos de cavalo da praça XV, o tear ilhéu, o bondinho de burros, o vendedor ambulante, o trapiche municipal do Miramar de tão saudosa memória. Tudo isso, e tanto mais, só permanece graças aos traços preciosos do artista, que buscou preservar assim a memória de quem teima em não ter memória. (MIGUEL apud SCHMITZ, 1987).

O presente capítulo chamado “A obra esquecida” tem como objetivo mostrar as 38 telas de Domingos Fossari que se encontram atualmente no Museu Escola da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Existem diferentes relatos para explicar a saída destas telas da Secretária Estadual do Estado de Santa Catarina à chegada ao Centro de Artes da UDESC. As datas, assim como a razão do deslocamento destes trabalhos são imprecisas.

É no Museu Escola da Universidade do Estado e Santa Catarina, logo à primeira sala à direita entre a escada caracol e a pilha de toras de madeira, que se encontram 38 telas do artista Domingos Fossari. Elas estão agrupadas aleatoriamente (em grupos de cinco a seis telas) empacotadas com papel Kraft. Estes pacotes estão dispostos dentro de caixas de papelão que brigam por um lugar neste espaço tão incomum para se guardar/preservar obras de arte. Ao entrar na sala o rangi do antigo assoalho de madeira mais parece uma marcha fúnebre que dá “boa vindas” a inusitada câmara mortuária, onde jazem além das telas de Fossari, painéis com fotos antigas completamente deteriorados jogados pelo chão, uma tampa de mesa, bombonas de água vazias, ventiladores e uma imensa antena parabólica.

O contraste, o choque, a fragilidade... A relação entre memória, esquecimento, vida e morte. A morte como ruína da nossa modernidade. Segundo Peixoto Brissac (1998),

A modernidade – na sua relação privilegiada com a morte – remete à antiguidade porque esta revela uma propriedade comum a ambas: a fragilidade. É porque o

antigo nos parece como ruína que o aproximamos do moderno, igualmente fadado à destruição. A cidade moderna é o palco de transformações incessantes, que revelam sua precariedade. Ruínas e obras se confundem. A morte já se apoderou dos edifícios que estamos construindo. O antigo se próxima do moderno pela manifestação da caducidade do presente. (p.233)



**Figura 8** – Museu Escola UDESC, 2011.



**Figura 9** – Museu Escola UDESC, 2011.

Mas como se manter presente na memória das pessoas hoje? Se o processo de modernidade causava frenesi da década de 60 e 70 com o pop e a exacerbação das culturas de massa, hoje o cenário não se apresenta muito diferente, porém não há mais surpresas, a modernização se tornou necessidade, por tanto, banal. Infelizmente o esquecimento é um sintoma do século XXI. Fossari dizia que “o passado não podia ficar perdido” Foi pensando dessa forma que o artista deixou registros documentais muito importantes para a história da cidade de Florianópolis.

Ele foi fundamental dentro do nosso movimento artístico, principalmente nas décadas de 40 e 50, porque retratou as coisas da cidade, lutando como todo percurso, tendo uma linguagem própria e respeitando o trabalho alheio. (HASSIS apud SCHIMITZ, 1987, p.11).

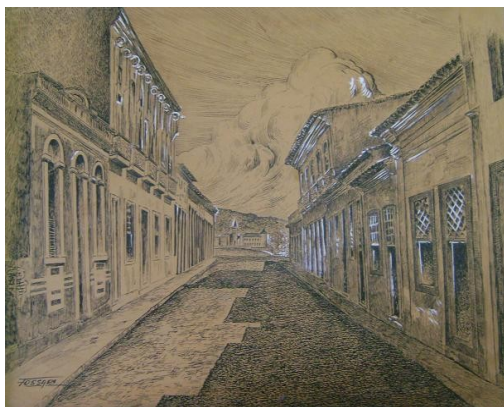
Ao observar as telas do Museu Escola-UDESC reparamos temas como: paisagens, registros arquitetônicos, cenas cotidianas e festas típicas. Para o artista era importante “fazer a impressão do momento”, mas acima de tudo Fossari se comprometia a reviver o “passado presente”. As imagens de suas telas despertavam o passado adormecido na memória da cidade. Um passado não muito distante, porém esquecido, dia a dia, devido às mudanças aceleradas de Florianópolis. O propósito de Fossari era manter viva a memória da ilha e seus costumes, usando destas imagens para construir lembranças.

Embora os desenhos de Florianópolis de Ontem se fixem preferencialmente na antiga arquitetura de Florianópolis, inclusive o que sobrou da colonial, Fossari fixa também cenas de rua e atividade profissional típicas dos habitantes antigos da cidade. Fossari trouxe o gosto pelo detalhe, pela minúcia documental.<sup>4</sup>

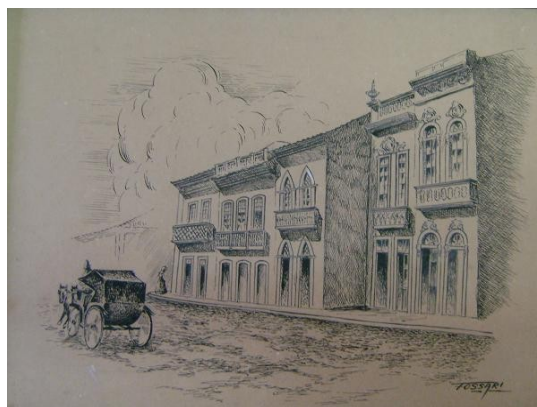
---

<sup>4</sup> Jornal do Brasil. 11/12/79. In Domingos Fossari. Retrospectiva de sua obra no MASC, em 1988, com curadoria da viúva do artista, Sra. Irene Maria Fossari.

Fossari era um perfeccionista, era hábito produzir seus desenhos arquitetônicos no próprio local, aonde chegava a voltar inúmeras vezes para registrar os mínimos detalhes.



**Figura 10 – Fossari.** Rua do Vigário, atual Fernando Machado, no Campo do Manejo Machado (Desaparecido).



**Figura 11 – Fossari.** Os Sobradinhos da esquina da Praça com Fernando

Em cada uma das gravuras de Fossari há movimentos, e há vida: e as nuvens, as carroças e os barcos a vela, as passagens, os telhados e as árvores aí estão em cada uma das gravuras, para nos dizerem que a História de hoje, somados, é que vão ser o mundo de amanhã. (Sachet, 1978).

Quando Fossari faleceu Paulo Clóvis Schimitz escreveu ao jornal *O Estado* a matéria *Fossari, a nova perda de uma cidade sem memória*, onde fala sobre a importância do registro da memória visual da cidade. Fossari sempre teve a preocupação com a memória do seu objeto de estudo. Seus desenhos se convertiam em “biografia visual”, a cada linha, em cada detalhe, é como se contasse a história e os segredos passados da cidade. Cuidadosamente desvendava as facetas reprimidas de modelos duros e silenciosos.

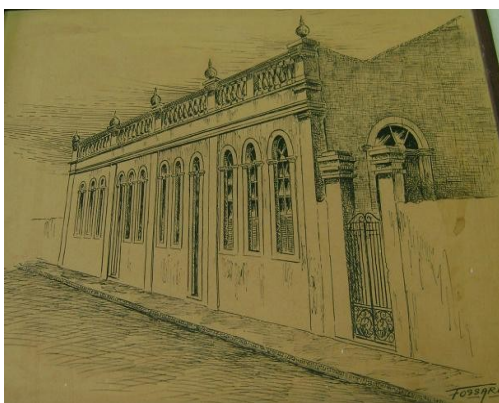
Se a obra é feitiço e encantamento pelo olhar, o que amam os olhos? (Sandra Makowiecky, 2003, p.119)



**Figura 12** – Fossari. A velha Igreja de Nossa Senhora da Lapa do Ribeirão da ilha.



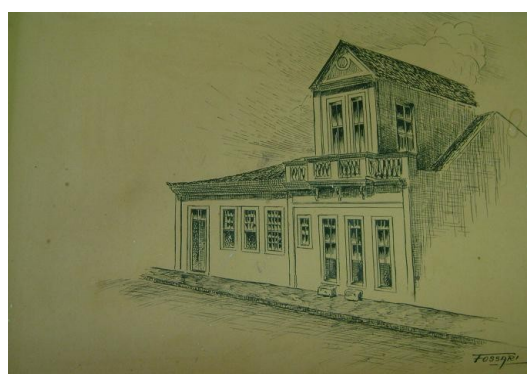
**Figura 13** – Fossari. Casa da sotéia. Rua Saldanha Marinho. Já demolida.



**Figura 14** – Fossari. Casas paredes-meias da Rua Esteves Junior.



**Figura 15** – Fossari. O Castelinho da Praça São Sebastião.



**Figura 16** – Fossari. A casa em que nasceu Esteves Junior, na rua do seu nome.

**Figura 17** – Fossari. Casa do antigo Largo General Osório (Campo do manejo)

Para tentarmos entender este interesse de Fossari pela cidade podemos considerar o espaço urbano como uma “estrutura de linguagem que se manifesta não apenas pela sua representação visual, mas polissensorial, produzida e utilizada pelo habitante deste espaço”<sup>5</sup> então, desta forma as cidades seriam o espaço cênico onde, nós habitantes, seríamos os atores. É importante lembrar que a cidade “é povoada também pelo conjunto de recordações e mitologias que dela emergem, o que faz com que ela se anime com nossas recordações e que seja também agida por seus habitantes, que continuamente dialogam com seus signos, símbolos e monumentos”<sup>6</sup>. Podemos pensar então as representações da cidade feitas por Fossari como um dialogo intermitente entre passado e presente.

Que outra forma teria o ilhéu de conhecer seu elo perdido nas brumas de um tempo onde não se curti as praias nem o banho de mar, as mulheres usavam espartilho, a famosa figueira ficava em frente ao palácio Cruz e Souza, os bondinhos eram puxados por burros, as ruas iluminadas por lampiões de querosene, os homens usavam bengalas, chapéu e roupas pesadas, [...] não fossem os traços firmes do desenhista Domingos Fossari? (MORAES, 1987, p.2)<sup>7</sup>

As telas “esquecidas” no Museu Escola-UDESC nos contam a história de uma cidade a muito “esquecida”, e que para alguns nem existiu. Hoje encontramos vestígios da antiga cidade escondidos entre os prédios comerciais do centro de Florianópolis. A cidade passou por inúmeras mudanças e alterou “substancialmente sua paisagem urbana como edificações em vários estilos, e surgimento de modernos edifícios no lugar das construções seculares.” (Sandra Makowiecky, 2003, p.335). Não é incomum que gerações mais jovens ao escutar histórias sobre a *Florianópolis de Ontem*, que Fossari incansavelmente se dedicou a registrar as considerem ficcionais. Afinal, muitas das ruas

<sup>5</sup> Tese de Doutorado da Professora Sandra Makowiecky, *A Representação da Cidade de Florianópolis na Visão dos artistas Plásticos*, 2003, p.46

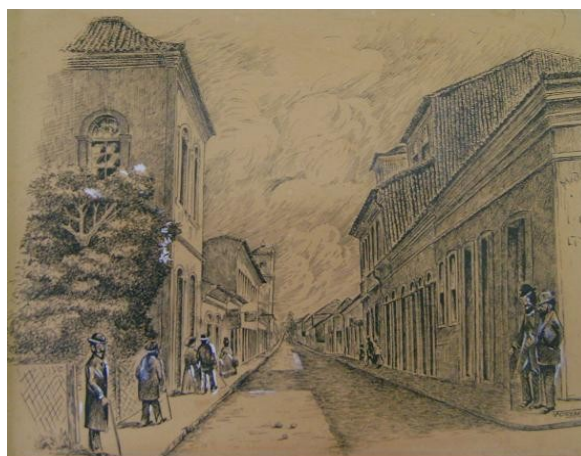
<sup>6</sup> Ibidem

<sup>7</sup> Moraes, Maria Helena de. As Brumas de Florianópolis. Jornal Diário Catarinense, Especial, 1987, s/d.

e casas retratadas nas telas do artista, não existem mais, ou com o tempo receberam outros nomes, assim, distanciando ainda mais estes jovens observadores que nada observam.

[...] numa cidade sem memória, seus bicos de pena, mostrando o Miramar, os sobrados da Rua Conselheiro Mafra e Francisco Tolentino, igrejas já demolidas, casarões que deram lugar a edifícios, ruas e esquinas hoje tomadas por fliperamas – Tudo, enfim, é documental (SCHMITZ, 1987, p.11)

Com traços leves Fossari restaura em suas telas “[...] o casario perdido, telhados antigos, costumes com uma poética atmosfera da ilha [...]”<sup>8</sup>



**Figura 18** – Fossari. Rua do Senado, mais tarde Rua da República. Hoje Filipe Schmidt



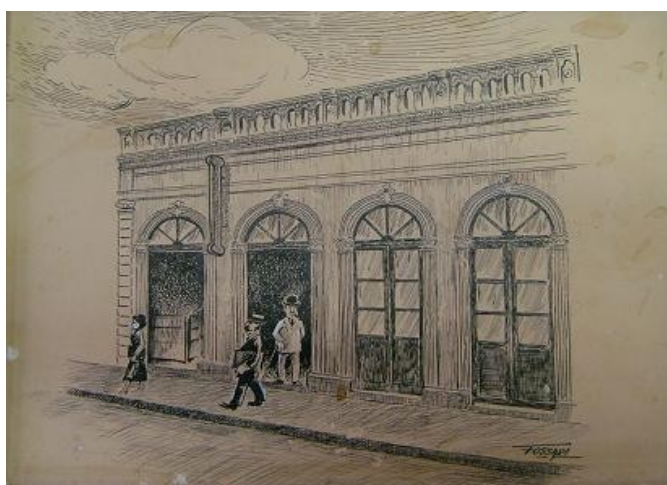
**Figura 19** – Rua Felipe Schmidt, 1930.



**Figura 20** – Rua Felipe Schmidt, 2003.

<sup>8</sup> PISANI, Osmar. Jornal “O Estado”, 1979. In Domingos Fossari. Retrospectiva de sua obra no MASC, 1988, com curadoria da viúva Sra. Irene Maria Fossari.

Podemos considerar a atenção e dedicação de Fossari pela arquitetura e os costumes da ilha como uma “reação afetiva e imunitária contra o esquecimento resultante dos imperativos da modernização dos espaços”<sup>9</sup>. O vínculo afetivo com a cidade e as interações sociais é evidente nos desenhos do artista, ao relembrar as épocas em que frequentava o “falecido” bar Miramar diz “sempre ia encontrar os amigos e conversar as coisas daquele tempo”<sup>10</sup>. Uma lembrança que como tantas outras soavam como desabafo.



**Figura 21** – Fossari. Charutaria do Espanha  
(José Garrido Portela)

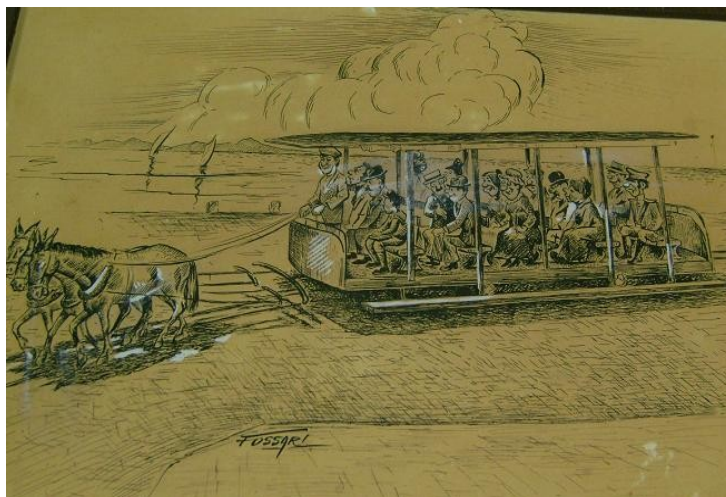
Em cada desenho, uma lembrança, um desabafo, e acima de tudo a tentativa de eternizar a cidade que hoje é ausência. Fossari repousou seu presente no papel e o lapidou com linhas e memórias, deixando o passado disponível para aqueles que se dispusesse a “exuma-lo”.

Ainda as marcas do passado continuam a enrugar meu talento. (Domingos Fossari)<sup>11</sup>

<sup>9</sup> NONNENMACHER, Marilange. *Vida e Morte Miramar: Memórias urbanas nos espaços soterrados da cidade*, tese de Doutorado, 2007, p 157.

<sup>10</sup> FOSSARI retratou a história da ilha. “O Clamor”, Florianópolis, 1986.

<sup>11</sup> Entrevista para a Revista Solução, s.n.t., p.12.



**Figura 22** – Fossari. companhia de Carris Urbanos, no primeiro quartel do séc. XX

Das 38 telas encontradas no Museu Escola – UDESC, 36 fazem parte do livro de Fossari *Florianópolis de Ontem*. Ao folhear o livro em busca de mais informações percebemos que Fossari não data vários desenhos expostos na coletânea, o que proporciona ao nosso olhar a sensação de um tempo indeterminado. É certo que Fossari tentava dominar o tempo através de seus desenhos, sendo assim, transformou a sua obra em objeto atemporal.

Segundo Nonnenmacher, 2007, existe em Fossari,

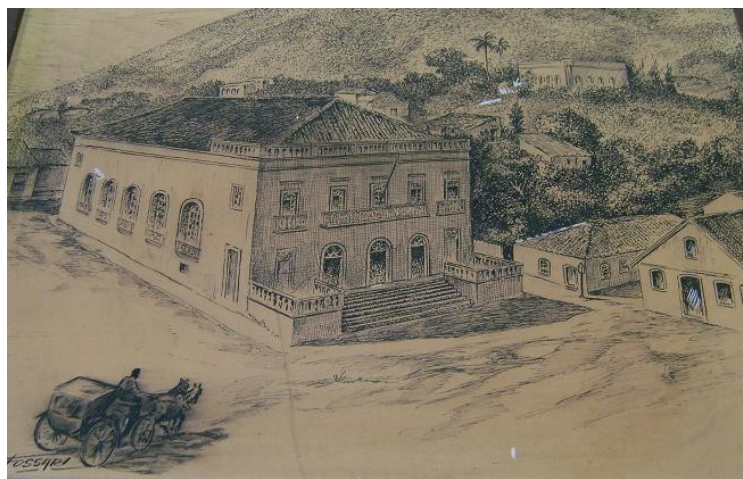
A ausência de referência temporal na maioria das obras (...) sua preocupação em registrar e catalogar emocionalmente um passado [o liga ao expressionismo] (...) dizia ele ser simpático ao 'expressionismo, porém sem academicismos'<sup>12</sup> (P. 168).

Seixas Netto acreditava que os traços de Fossari continham a “profundidade do fantasmal da verdade dos tempos que tinha como axioma o conceito de infinito”<sup>13</sup>, o jornalista vai além dizendo que eles continham o infinito, aquilo “que é eterno, que não

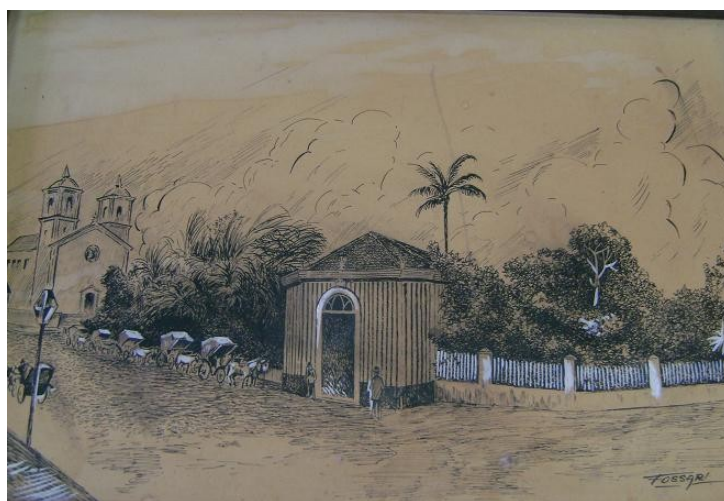
<sup>12</sup> Na exposição de Fossari, uma visão da Florianópolis de ontem. “O Estado”. 12 set. 1980, p.17, Florianópolis.

<sup>13</sup> NETTO, A Seixas. Op. Cit.

existe em si mesmo, ou em partes”<sup>14</sup>. Nonnenmacher diz que as características levantadas por Netto sobre a obra *Florianópolis de Ontem* de Fossari, nos permite analisar os desenhos do artista como uma “constelação salvadora” que rompe com a linha do tempo linear, e lança a obra no redemoinho da existência, cujo ápice se encontra numa trilogia do instante formado pela perceptividade-construção-desconstrução”.<sup>15</sup>



**Figura 23** – Fossari. O velho Teatro Álvaro de Carvalho, nos fins do século XIX



**Figura 24** – Fossari. Café Natal, na Praça 15 de novembro, na primeira metade do século XX.

<sup>14</sup> Ibidem

<sup>15</sup> NONNENMACHER, Marilange. Tese de doutorado “Vida e Morte Miramar: Memórias urbanas nos espaços soterrados da cidade”, 2007, p. 169.

Duas frases me chamaram atenção durante minhas leituras para esta monografia e penso caberem nestas considerações. A primeira é de Sandra Makowiecky quando diz “A alma desta cidade exige memória”<sup>16</sup> Ao refleti sobre esta frase procurei o significado da palavra “alma”, e acredito que ela resume grande parte do trabalho de Fossari, sua definição vem do latim, *anima*, e se referi ao princípio de dar movimento ao que é vivo, o que é animado ou o que faz morrer.

A religião acredita que a alma sobrevive à morte física, que ela é eterna. Assim como a morte os registros de Fossari operam como passagem, a passagem da alma para a vida eterna. O artista através de seus bicos-de-pena transforma a cidade morta em cidade celestial, onde nada morre, tudo é eterno. Seu trabalho continua vivo, desta forma, independentemente à matéria.

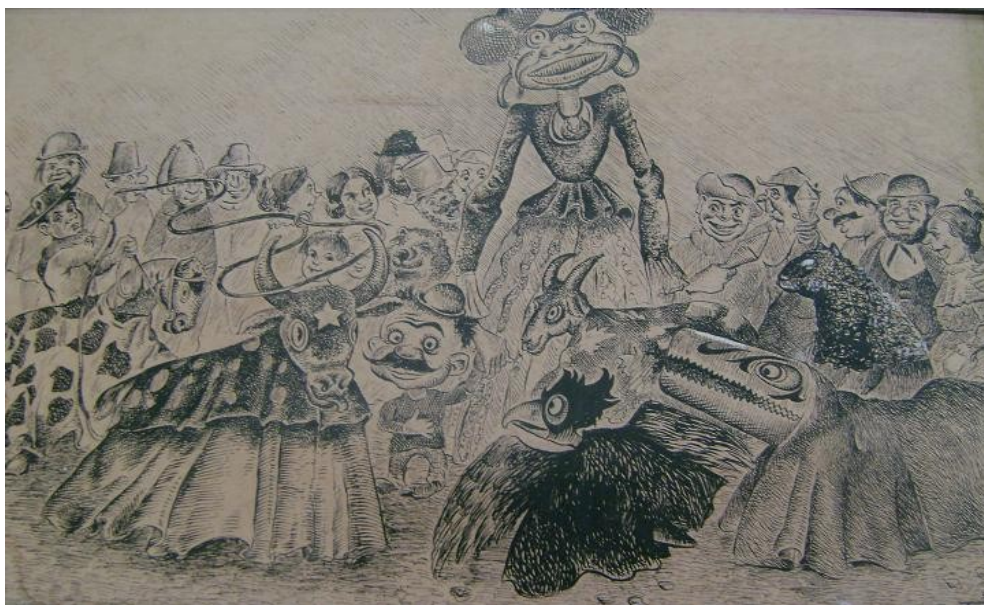
Já a segunda frase é da filha do artista, Carmem Fossari que diz que “O tempo dará a real dimensão da obra” esta frase em especial me intriga... Será que é preciso mais tempo? Ou já vivemos neste tempo que ela menciona na frase?

Encerro minha análise das telas que estão no Museu Escola – UDESC lamentando a falta de cuidado depositado no trabalho deste artista, que dedicou a vida à memória da cidade de Florianópolis.

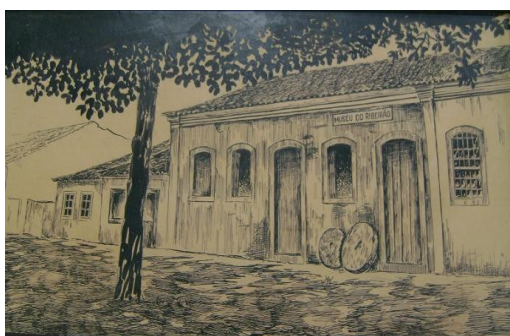
Infelizmente os museus da cidade dispõem de poucas obras de Fossari e a maioria de sua obra esta em poder da família, que apesar de pretender criar um espaço dedicado ao artista, hoje ainda acredita ser um sonho distante a disponibilização destes trabalhos ao grande público.

---

<sup>16</sup> Sandra Makowiecky, Tese de Doutorado “A representação da cidade de Florianópolis na visão dos artistas plásticos” 2003, p. 282.



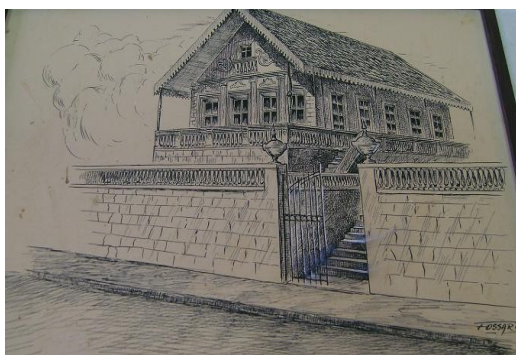
**Figura 25** – Fossari. Título ou descrição não encontrado.



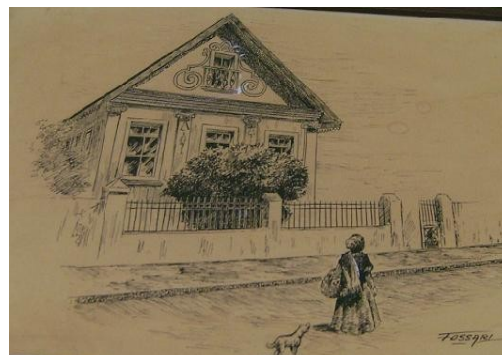
**Figura 26** – Fossari. Casas térreas do Ribeirão da Ilha.



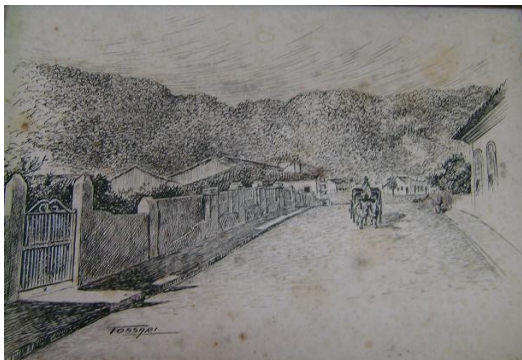
**Figura 27** – Fossari. Casarão no Estreito.



**Figura 28** – Fossari. Chalé da Rua  
**Figura 29** – Fossari. Chalé da Rua  
Frei Caneca.



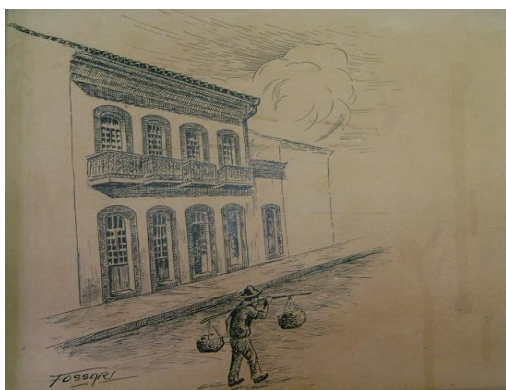
Bocaiúva.



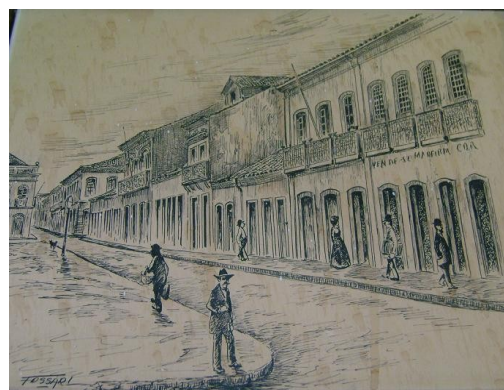
**Figura 30** – Fossari. Ponte do Vinagre (Fim da Rua Tiradentes). Já demolida.



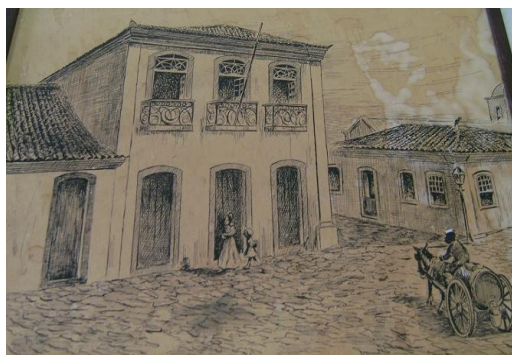
**Figura 31** – Fossari. Derradeiro grupo de casas do antigo Beco Sujo, depois chamado “Irmão Joaquim”, de frente para o Campo do Manejo, Praça General Osório. Demolido.



**Figura 32** – Fossari. Sobradinho da Rua Conselheiro Mafra.



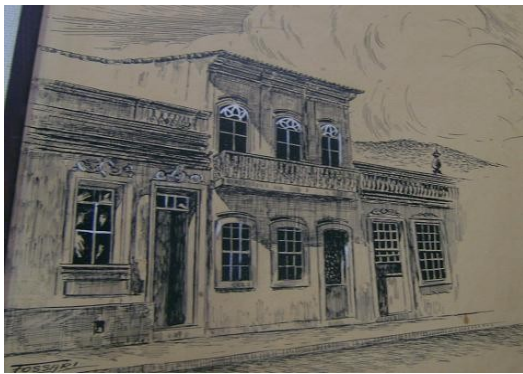
**Figura 33** – Fossari. Rua do Comércio (Atual Conselheiro Mafra) antes da construção do Mercado. Séc. XIX.



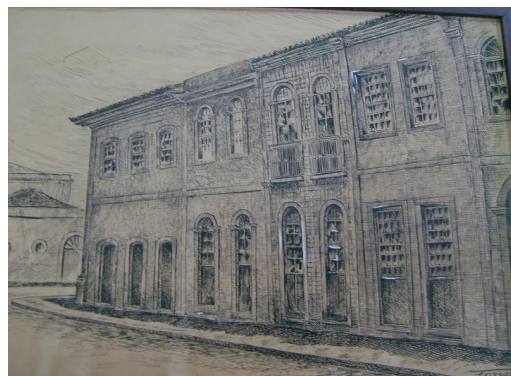
**Figura 34** – Fossari. Sobradinho da Rua Jerônimo Coelho (antiga da Paz) com Conselheiro Mafra.



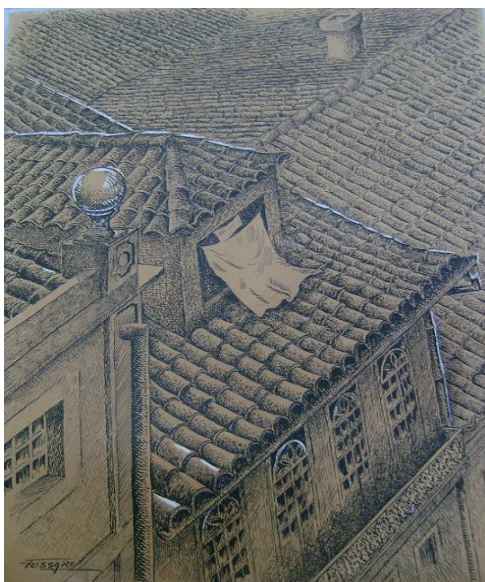
**Figura 35** – Fossari. Casa assombrada Rua Tenente Silveira.



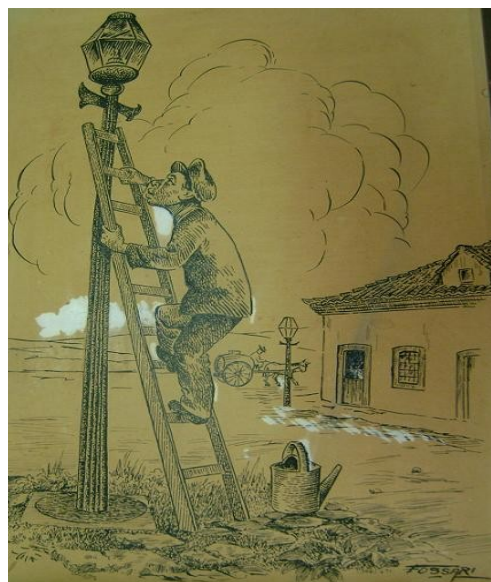
**Figura 36** – Fossari. Sobradinho com sacadas de ferro lavrado. Rua do príncipe (atual Conselheiro Mafra).



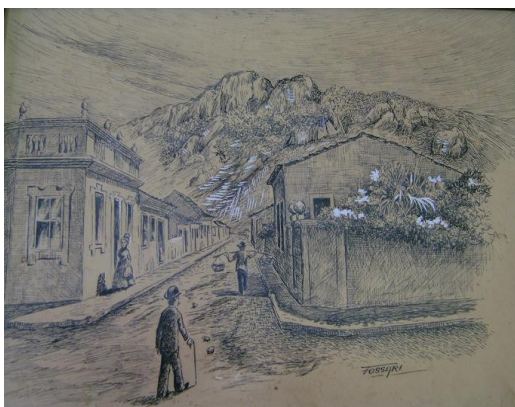
**Figura 37** – Fossari. Sobradinho do Cais da Liberdade.



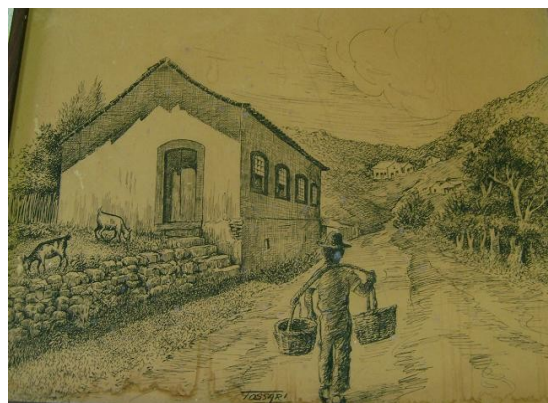
**Figura 38** – Fossari. Telhados Coloniais.



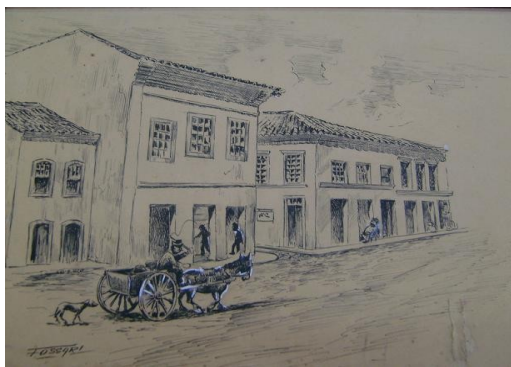
**Figura 39** – Fossari. Acendedor de Lampião.



**Figura 40** – Fossari. Rua da Tronqueira (atual General Bittencout) e Morro do Antão.



**Figura 41** – Fossari. Caminho do Itacorubi.



**Figura 42** – Fossari. Sobradinhos da Figueira (atual Rua Francisco Tolentino).



**Figura 43** – Fossari. Rua Anita Garibaldi (antiga do “Desterro”), esquina com General Bittencourt.



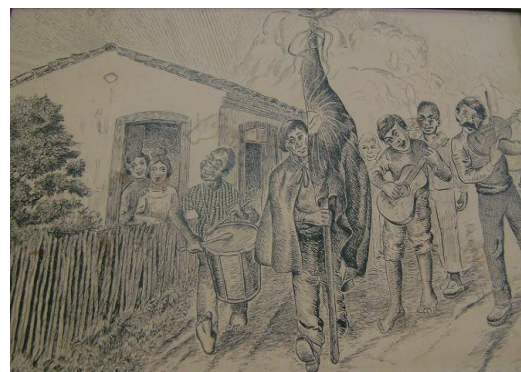
**Figura 44** – Fossari. Prefeitura Municipal de Florianópolis.



**Figura 45** – Fossari. Casarão de sobrado do capitalista Antônio Joaquim Wanzeller.<sup>17</sup>



**Figura 46** – Fossari. Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Construída no século XIX.



**Figura 47** – Fossari. Título ou descrição, não encontrados.

<sup>17</sup> Foi doado ao Hospital de Caridade e nele funcionou por quase um século o Clube 12 de Agosto. Vista tomada durante a sua demolição, para dar lugar à construção do edifício Joana de Gusmão. Rua Augusta (atual João Pinto) – Legenda de Oswaldo Rodrigues Cabral.

## 4. A Obra Viva

No meio das correrias que o século XX nos faz percorrer, um gosto agridoce de paraíso perdido insiste em se localizar nas mentes e corações das criaturas humanas, tendo que viver no inferno da vida que a cidade nos promete cumpre. E, daí o cultivo, quase que adoração de tudo quanto representa os velhos e gostosamente doces tempos em que a cidade não destruíra os verdes e as calmas do campo e da roça. E as samambaias e as coisas velhas passaram a significar algo mais do que o simples exotismo. Passaram a nos garantir uma fase da história que nos recusamos a trocar e, muito menos, a perder. [...] Enquanto o homo faber produz para o consumo – e produzindo, polui e destrói, o homo creator, concorrendo com a divindade, detecta o inconsumível, o eterno e o permanente em cada um dos ângulos da realidade que nos cerca. (CELESTINO SACHET, 1978, p.16<sup>18</sup>).

Nas palavras do professor Celestino Sachet podemos sentir que o saudosismo e agonia devido ao “desaparecimento e instabilidade dos lugares” <sup>19</sup> não é um sentimento vivido apenas por Fossari. O escritor e jornalista Seixas Netto diz em relação ao trabalho de Fossari que “[H] á uma imortalidade em tudo. E imortalidade e imortal é aquilo que morre a cada instante para viver no instante seguinte”. <sup>20</sup>

Marilange Nonnenmacher explica que o comentário de Netto, sugeri que “a imortalidade possibilitada por Fossari, está na tentativa sóbria do artista de lançar algumas de suas obras para fora do domínio do tempo cronológico e linear”.

Assim sendo, entendemos que *tempo* é a palavra chave para o trabalho de Fossari “ao deixa-las fluir numa imanência histórica, numa eterna temporalidade do presente, adquirindo novos significados, nascendo a cada instante, de acordo com as alianças e relações estabelecidas num determinado momento.” (NONNENMACHER, P.168) Também podemos dizer que este *tempo* no trabalho de Fossari não se trata do

<sup>18</sup> Professor Celestino Sachet noite de abertura de autógrafos do livro de Domingos Fossari *Florianópolis de Ontem*.

<sup>19</sup> Tese de Doutorado Professora Marilange Nonnenmacher. *Vida e Morte Miramar: Memórias urbanas nos espaços soterrados da cidade*, 2007, p 170.

<sup>20</sup> Amaro Seixas Netto para o Jornal AN Capital, 1999.

tempo cronológico mas sim do tempo que Benjamin <sup>21</sup> chama de *aqui e agora* a “existência única, e somente nela, se desdobra a história da obra. Essa história compreende não somente as transformações que ela sofreu, com a passagem do tempo, em sua estrutura física, mas como relações de propriedade que ela ingressou” <sup>22</sup> ou seja, a obra de Fossari transita entre o presente e o passado, na relação entre a cidade capital do presente e a mesma cidade provinciana do passado com seus casarios e tradições.

Benjamin acreditava que era a figura do historiador que deveria interpretar os sonhos coletivos, porém para que esta interpretação se tornasse possível era preciso se criar um método de interpretação. Foi a partir do “momento de ruptura com a vida, o momento do despertar” <sup>23</sup> que ele baseou sua teoria, dizendo que:

Na imagem dialética está contido o tempo. Ele já se encontra na dialética hegeliana. Esta, porém, só conhece o tempo como tempo de pensar propriamente histórico, senão psicológico. O diferencial de tempo, no qual a imagem dialética somente é autêntica, ainda não lhe era conhecido. Tentativa de mostrá-lo através da moda (...) O momento temporal na imagem dialética só pode ser obtido integralmente pela confrontação com outro conceito. Esse conceito é o “agora da conhecibilidade”. (BENJAMIN, W. Apud. BOLLE, Willi. P. 65.)

Desta forma, Benjamin vai dizer que as imagens oníricas podem ser interpretadas e reconhecidas através do despertar no presente, ou o “agora da conhecibilidade”.

Didi-Huberman <sup>24</sup> em seu livro *Devant le temps. Histoire de l'art et anachronisme des images* diz que “sempre, diante da imagem, estamos diante de tempos. [...] olhá-la significa desejar, esperar, estar diante do tempo.” (p.9). É importante entendermos que Huberman analisa a “especificidade do tempo que constitui a obra de arte, defendendo a ideia de que a imagem deflagra múltiplos elos

<sup>21</sup> Walter Benjamin nasceu em Berlim em 1892, foi ensaísta, crítico literário, tradutor, filósofo e sociólogo judeu alemão. É associado à Escola de Frankfurt e a teoria crítica.

<sup>22</sup> BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas: Magia e técnica, arte e política*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2 edição, 1986, p. 167.

<sup>23</sup> Tese de Doutorado Professora Marilange Nonnenmacher. *Vida e Morte Miramar: Memórias urbanas nos espaços soterrados da cidade*, 2007, p 170.

<sup>24</sup> Georges Didi-Huberman nasceu em Saint-Étienne em 1953. É filósofo, historiador crítico de arte.

com base nos quais será possível reconfigurar vários presentes;”<sup>25</sup> Seguindo o pensamento deste autor, pode-se afirmar que a imagem revela a memória intrínseca de sua existência que continua a acompanhá-la em outros presentes.

Conforme Didi-Huberman a memória (e não o passado) é “anacrônica em seus efeitos de reconstrução do tempo, [é ela, a memória] que é convocada e interrogada pelo historiador”<sup>26</sup> assim o tempo passado serve como matéria factual, a memória, inserida em um dado presente, decanta o conteúdo deste passado e lhe dá uma nova forma.

Didi-Huberman (2000) diz ainda que a memória,

[...] decanta o passado de sua exatidão. É ela que humaniza e configura o tempo, entrelaçando suas fibras [...]. É a memória que o historiador convoca e interroga, não exatamente 'o passado. (p.37)

Podemos relacionar o conceito de anacronismo de Huberman com o trabalho teórico de Benjamin, já que o pensamento deste é considerado anacrônico e resistente ao “modelo temporal de historicismo”.<sup>27</sup> Para Benjamin a obra pode ser interpretada como uma montagem de diferentes tempos instigando novas relações entre passado e presente e criando uma nova referência temporal para a obra.

Neste novo modelo apresentado por Benjamin o passado não seria mais representado pela memória, e sim apresentado por ela. Roberta Andrade de Nascimento explica no artigo *Charles Baudelaire e a arte da memória* (2005), em relação ao pensamento de Benjamin, que

Graças ao conceito de memória, é possível trabalhar no campo da apresentação como construção a partir do presente, tempo que possibilita a deflagração de correlações passadas. O historiador se identifica então com a figura do arqueólogo; nesse trabalho arqueológico, a imagem aparece no centro da vida histórica por se

---

<sup>25</sup> Roberta Andrade Nascimento. Artigo “Charles Baudelaire e a arte da memória”. 2005.

<sup>26</sup> Ibidem.

<sup>27</sup> Ibidem.

constituir como um objeto dialético, produtor de uma historicidade anacrônica.

Então, podemos dizer que conforme o pensamento de Benjamin, encontramos nas imagens de Fossari dois períodos temporais distintos, o que vivemos e o que não existe mais, produzindo assim, dois relatos paralelos, porém complementares em um certo tempo, em um certo “agora”.

A memória torna as experiências inteligíveis, conferindo-lhes significados. Ao trazer o passado até o presente, recria o passado, ao mesmo tempo em que o projeta no futuro; graças a essa capacidade da memória de transitar livremente entre os diversos tempos, é que o passado se torna verdadeiramente passado, e o futuro, futuro. (AMADO, 1995, p.132)

As imagens de Fossari são atemporais, porém a memória destas obras precisa ser exercitada na memória das pessoas, “alimentadas no cotidiano e a partir do cotidiano, isto porque o óbvio não é a lembrança, mas sim o esquecimento,”<sup>28</sup> Considerando que a memória não é uma função natural, mas sim uma construção humana moldada em um determinado tempo,

Pierre Nora (1993) explica que por esta razão,

[...] a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga a continuidades temporais, às evoluções, e às relações das coisas. A memória é o absoluto e a história o relativo. (p.09)

A memória assume um caráter coletivo e não individual, ou seja, as lembranças estarão sempre inseridas dentro de um contexto. Ao recordarmos uma imagem está não terá sentido e valores por si só, mas estará relacionada a valores externos e maiores. A memória passa a agir como identidade, mas não exclusivamente individual. HALBWACHS (1990) vai explicar que “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, [...] este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu

<sup>28</sup> ESQUINSANI, Rosimar Serena Siqueira. Esquinsani, Valdocir Antonio. Artigo “Leitura, Patrimônio Cultural e Lugares de Memória: O Papel da Escola.” 2007.

ocupo, e [...] este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios”. Ou seja, é a partir da memória coletiva que se constrói a identidade cultural<sup>29</sup> de um povo, em um determinado tempo e lugar. E somente através desta memória coletiva que é possível manter viva a representação de um grupo social.

A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. (NORA, 1993, p.09).

As imagens construídas por Fossari são inspiradas na “constelação” de acontecimentos provenientes de seu próprio tempo, porém não se privam de existir somente naquele intervalo temporal. Na verdade a “origem não designa o vir-a-ser daquilo que se origina, e sim algo que emerge do vir-a-ser e da extinção”<sup>30</sup>.

A partir do exposto, considero que o artista interpreta o papel do historiador dialético de Benjamin, que “deve libertar o objeto histórico do fluxo da história contínua.”<sup>31</sup> Assim concluo que as imagens de Fossari são imortais em sua existência dialética, suas interpretações continuam abertas e em constante mutação se renovando a cada presente instaurado.

O “infinito” presente nos traços de Fossari, destacado por Netto, responde à qualidade da obra de arte que deve ser inviolável, porque única e pluridimensional, está inserida no “instante” do olhar. (NONNENMACHER, 2007, P.171)

---

<sup>29</sup> Castelos (1999, p.22) “entende-se por identidade cultural a fonte de significado e experiência de um povo”.

<sup>30</sup> BENJAMIN, Walter. **Origem do Drama Barroco Alemão**. Tradução de Paulo Rouanet. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984, p. 18.

<sup>31</sup> Ibidem.

## 5. Considerações Finais

A arte é imitação da natureza não enquanto representa a realidade, mas enquanto a inova, isto é, enquanto incrementa o real, seja porque acrescenta ao mundo natural um mundo cósmico, seja porque no mundo natural acrescenta às formas que já existem, formas novas que, propriamente constituam um verdadeiro aumento da realidade. (Pareyson, 1989, p.70)

Durante esta pesquisa percebi que Fossari representa Florianópolis a partir do seu imaginário, suas memórias individuais e coletivas. O artista não simplesmente imita as formas da cidade, mas as incorpora em um tempo, criando uma distinta Florianópolis.

É o sentimento urbano agregado em suas telas que atribuí identidade e significado a seu trabalho. Gombrich (1986) diz que “Nem no pensamento, nem na percepção, aprende-se a generalizar. Aprendemos, sim, a particularizar, a articular, a fazer distinções onde antes havia apenas massa indiferenciada”. Considero esta a verdadeira arte de Fossari, a capacidade de transformar a cidade objeto em cidade narrativa, que vive através dos tempos.

[...] sempre se dá a ver, pela materialidade de sua arquitetura ou pelo traçado de suas ruas, mas também se dá a ler, pela possibilidade de enxergar, nela, o passado de outras cidades, contidas na cidade presente (PESAVENTO, 2002, p.25).

Acredito que o tema central desta pesquisa, a memória, é um assunto que possui muitos desdobramentos. Aqui deixo claro que não pretendi trabalhar de maneira profunda o assunto (memória), mas apenas concentrar a discussão em pontos chaves. Penso que o tempo disponível para o desenvolvimento do trabalho não é o suficiente para leituras profundas e abrangentes.

Este trabalho desde o início tem pretensões de cunho introdutório para futuras pesquisas. Assim, afirmo aqui a intenção de dar continuidade a esta discussão e aprofundar a investigação sobre este tema (memória na obra de Domingos Fossari) em pesquisas futuras.

## Referências Bibliográficas:

AMADO, Janaína. **O Grande Mentiroso**: tradição, veracidade e imaginação em história oral. História. São Paulo, n.14, 1995.

BENJAMIN, Walter. **Origem do Drama Barroco Alemão**. Tradução de Paulo Rouanet. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984.

BOLLE, Willi. **Fisiognomia da Metrópole Moderna: representação da história em Walter Benjamin**. São Paulo: Editora da Universidade de São Pulo, 2000.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999, 530p.

COELHO, Mario Cesar. **Os Panoramas perdidos de Victor Meirelles**: aventuras de um pintor acadêmico nos caminhos da modernidade. Florianópolis, 2007. 229 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História.

CULTURA VISUAL. Salvador: Programa de Pós-Graduação da Escola de Belas Artes, 2007. Semestral.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Devant le temps. Histoire de l'art et anachronisme des images**. Paris: Minuit, 2000.

ESQUINSANI, Rosimar Serena Siqueira. ESQUINSANI, Valdecir Antonio. Leitura, Patrimônio Cultural e Lugares de Memória: O papel da Escola. 2007. Disponível em: <http://online.unisc.br/seer/index.php/agora/article/viewFile/197/254> Acesso em 11 jun. 2011.

EWALD, Felipe Grüne. **Memória e Narrativa**: Walter Benjamin, nostalgia e movência. PPG-LET-UFRGS- Porto Alegre- Vol.04 N. 02-jul/dez 2008. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/view/5994/4525> Acesso em: 09 jun. 2011.

FILOMENO, Giorgio ET MAKOWIECKY, Sandra. **A obra de arte no limbo da memória**: notas a partir da formação dos arquivos da pesquisa “Academicismo e modernismo em Santa Catarina”. Artigo. CD-ROM, 2010

FOSSARI, Domingos. **Florianópolis de ontem**. 3. ed. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1978.

FOSSARI, Domingos. **Assim os vejo...homens do meu tempo**. Florianópolis: Lunardelli, 1973.

GARCEZ, Luciane Ruschel Nascimento ET MAKOWIECKY, Sandra. **Domingos Fossari na Memória** - A trajetória de um artista. Anais do XIX Seminário de Iniciação Científica. 2009.

GOMBRICH, Ernst Henrich. **A história da arte**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1993.

HALBWACHS, Maurice (1877-1945). **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

LINS, Jacqueline Wildi. **Para uma história das sensibilidades e das percepções: vida e obra em Valda Costa**. Florianópolis, 2008. 294 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História.

MAKOWIECKY, Sandra. **A representação da cidade de Florianópolis na visão dos artistas plásticos**. 2003. 543 f. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) – Programa de Pós Graduação do Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

MIGUEL, Salim. Redescobrimo a mocidade. **Jornal “O Estado”**, Florianópolis, 24 mai.1987.

MORAIS, Maria Helena de. As Brumas de Florianópolis. **Jornal “Diário Catarinense”**, Especial, 1987.

NASCIMENTO, Roberta Andrade. **Charles Baudelaire e a arte da memória**. *Alea: Estudos Neolatinos*, Rio de Janeiro, v. 7, p. 3, jan./jun. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 10 jun. 2011.

NONNENMACHER, Marilange. **Vida e morte Miramar:** memórias urbanas nos espaços soterrados da cidade. Florianópolis, 2007. 1 v. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História.

NORA, Pierre. **Entre memória e história:** a problemática dos lugares. Revista Projeto História. São Paulo: Departamento de História de Pontifícia Universidade Católica de São Paulo / PUC-SP, n. 10, 1993.

PAREYSON, Luigi. **Os problemas da estética.** São Paulo: Martins Fontes, 1989.

PEIXOTO, Nelson Brissac (org). **Brasmite:** Intervenções Urbanas – São Paulo – Berlim. Projeto Arte/Cidade. Grupo de Intervenção Urbana. São Paulo, Instituto Cultural Goethe, 1998.

PESAVENTO, Sandra. Memória, história e cidade: lugares no tempo, momentos de ação. **ArtCultura** – Revista do NEHCA – Núcleo de estudos de História Social da Arte e da Cultura, Uberlândia, v.4, n.4, p.23-35, 2002.

PINI, Ivonne. **El pasado como experiencia subjetiva.** Revista Art Nexus No. 23. Bogotá, 1997.

SACHET, Celestino. Fossari revive o passado em seus bicos-de-pena. **Jornal Udesc,** Florianópolis, p.16, 1978.

SCHMITZ, Paulo Clóvis. Fossari, nova perda de uma cidade sem memória. **O Estado,** Florianópolis, 24 mai. 1987.

SOUZA, Silveira de. **O Vigia e a Cidade.** Florianópolis: Edições do Livro de Arte, 1960.

VILAS BOAS, Sérgio. **Biografias e biógrafos:** jornalismo sobre personagens. São Paulo: Summus, 2002.

